

A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS SOBRE ATIVIDADES CIRCENSES NA ESCOLA: UMA ANALISE A PARTIR DA APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIOS.

Elton Ferreira Duque ¹
Hendaly Dutra Pereira ²
Renzo Martins Bastos ³
Dainessa de Souza Carneiro ⁴
Patrícia dos Santos Trindade ⁵

RESUMO

Este estudo analisa a percepção de alunos do 5º ano do ensino fundamental sobre as atividades circenses desenvolvidas no ambiente escolar, a partir do projeto “Circo na escola”, realizado em uma escola pública no município de Parintins, Amazonas. Por meio de abordagem metodológica mista, foram aplicados questionários antes e depois das atividades, com o objetivo de identificar transformações nas compreensões dos estudantes sobre o circo enquanto prática educativa. Durante três meses, 65 alunos participaram de oficinas com elementos como acrobacias, malabarismo, equilíbrio e comicidade. Inicialmente, muitos estudantes associavam o circo apenas ao entretenimento. No entanto, ao longo da vivência, passaram a reconhecê-lo como linguagem artística e manifestação cultural, capaz de promover aprendizagens significativas. Os dados evidenciaram que houve ampliação do interesse e da participação nas aulas, além do fortalecimento da expressão corporal, criatividade e cooperação entre os colegas. As práticas também despertaram nos alunos maior identificação com a cultura local, demonstrando o potencial do circo para integrar o conteúdo escolar com elementos do território amazônico. A inserção dessas atividades no contexto da Educação Física contribuiu para tornar as aulas mais atrativas, despertando curiosidade e favorecendo a construção coletiva de saberes. A experiência evidencia ainda a importância de se explorar instrumentos metodológicos mais variados em pesquisas futuras, como entrevistas e observações, para captar com maior profundidade as percepções dos estudantes e os efeitos duradouros da proposta. Ao adentrar a escola, o circo amplia horizontes, quebra estigmas e gera novos sentidos para o processo educativo, reafirmando o papel da ludicidade e da arte no desenvolvimento integral dos alunos.

Palavras-chave: Atividades circenses, Educação física, Aprendizagem lúdica, Ensino fundamental, Cultura amazônica.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, eltonferreiraduque@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, dutrahendaly@gmail.com;

³ Graduando do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, renzomartins18@gmail.com;

⁴ Mestranda no Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, dainessaef@gmail.com;

⁵ Professora orientadora: Doutora em Educação Física na Universidade Federal do Amazonas - UFAM, pstrindade@ufam.edu.br.



INTRODUÇÃO

As atividades circenses configuram-se como práticas corporais que envolvem habilidades motoras, cognitivas e expressivas, podendo contribuir de forma significativa para o desenvolvimento global de seus praticantes. Tais atividades promovem o bem-estar físico, mental e social, incentivando um estilo de vida ativo e saudável (Santos; Dourado, 2019). Nas últimas décadas, sua presença tem se expandido para diversos contextos sociais e educacionais, alcançando diferentes faixas etárias e grupos sociais (Ontañón; Duprat; Bortoleto, 2012).

No ambiente escolar, o circo apresenta grande potencial pedagógico ao favorecer o desenvolvimento das capacidades coordenativas, da consciência corporal, da criatividade e das competências comunicativas e expressivas. Nesse sentido, sua inserção nas aulas de Educação Física representa uma abordagem rica e inovadora, com impactos positivos no processo de ensino-aprendizagem (Duprat; Galardo, 2010). A expansão da temática também impulsionou a produção de estudos sob diferentes perspectivas e contextos.

Na realidade amazônica, mais especificamente no município de Parintins-AM, alguns estudos vêm sendo desenvolvidos com o intuito de compreender o lugar das atividades circenses no ambiente escolar local. Um exemplo é o trabalho de Menezes (2024), que analisa a percepção dos professores de Educação Física sobre essas práticas na escola. Embora tal estudo contribua com importantes reflexões, ainda se observa uma lacuna na literatura no que se refere à perspectiva dos alunos, especialmente daqueles que vivenciam diretamente as atividades circenses em projetos pedagógicos escolares.

Diante disso, este estudo surge da necessidade de compreender como essas práticas são recebidas e compreendidas por estudantes de uma escola pública do Amazonas. Partindo da inquietação sobre o impacto das atividades circenses no cotidiano escolar, busca-se responder: qual a percepção dos participantes de um projeto pedagógico baseado no circo em uma escola estadual do município de Parintins-AM? Como esses alunos compreendem e vivenciam as práticas circenses em seu contexto educacional? A investigação pretende, portanto, preencher essa lacuna ao oferecer dados e reflexões relevantes que ampliem o entendimento sobre as experiências escolares circenses em realidades amazônicas.

METODOLOGIA



Esta pesquisa adota uma abordagem metodológica mista, combinando procedimentos quantitativos e qualitativos. Conforme definido por Creswell e Clark (2015), a pesquisa de métodos mistos envolve a coleta, análise e integração de dados quantitativos e qualitativos em um único estudo, com o propósito de oferecer uma compreensão mais ampla e aprofundada do fenômeno investigado.

A coleta de dados foi realizada por meio de questionários semiestruturados, compostos por questões fechadas, que permitiram a quantificação das respostas, e questões abertas, que possibilitaram a expressão livre das percepções dos alunos, permitindo a análise qualitativa por meio da categorização temática.

O estudo foi realizado no contexto do projeto “Circo na Escola”, desenvolvido pelos bolsistas do subprojeto de Educação Física do PIBID da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), em parceria com uma Escola Estadual, situada no município de Parintins (AM). O projeto teve como objetivo integrar atividades circenses às aulas de Educação Física, envolvendo alunos do Ensino Fundamental I.

As atividades foram desenvolvidas entre março e maio de 2025, com a execução de quatro etapas: identificação dos conhecimentos prévios dos alunos, contextualização histórico-cultural do circo, práticas corporais circenses adaptadas à infraestrutura da escola, e culminância com a produção de um espetáculo protagonizado pelos alunos.

A coleta de dados foi realizada com duas turmas do 5º ano, totalizando 65 alunos (30 meninos e 35 meninas, com idades entre 9 e 11 anos). Foram aplicados questionários semiestruturados em dois momentos distintos: antes do início das atividades e após a conclusão do projeto. Os instrumentos continham questões fechadas, que permitiram a quantificação das respostas, e questões abertas, que possibilitaram a análise qualitativa por meio da categorização temática das percepções e experiências dos alunos ao longo do projeto.

REFERENCIAL TEÓRICO

O ponto de partida desta investigação repousa na ideia de que as práticas circenses não são meros malabares escolares, mas sim um verdadeiro mosaico de experiências corporais que misturam criatividade, ludicidade, expressão e por que não? uma boa dose de encantamento. De uns tempos pra cá, o circo deixou de ser visto como “coisa de espetáculo” e começou a ocupar, com todo o esplendor e merecimento, um espaço legítimo dentro da Educação Física escolar. Cardani (2018) reforça que, ao ser trabalhado pedagogicamente, o circo promove



experiências educativas que valorizam o corpo em movimento, a cooperação e a criatividade, ampliando os horizontes da aprendizagem na escola

Não é de hoje que a literatura da área vem mostrando, com todas as letras, os impactos positivos das práticas circenses no contexto educativo. Elas não só ajudam no desenvolvimento motor, afetivo e social dos alunos, como também trazem à tona aspectos culturais que muitas vezes passam batido nas abordagens mais tradicionais. Segundo Rodrigues, Bortoleto e Lopes (2023), o circo na escola potencializa a expressão corporal e amplia as possibilidades pedagógicas ao integrar arte e educação. Ao combinar corpo e mente, gesto e intenção, o circo transforma a aula num espaço onde o aprendizado se equilibra, literalmente, entre o brincar e o refletir.

Segundo Yonamine e Rossi (2024), quando o circo entra na escola, entra com tudo, rompe paredes invisíveis, sacode estruturas rígidas e convida o corpo a se expressar com mais liberdade. Os autores enxergam a escola como um lugar fértil para a criação, um terreno onde o improviso é bem-vindo e o erro é visto não como tropeço, mas como parte do número. E, cá entre nós, que alívio é saber que errar também ensina, não é?

As práticas circenses, segundo os mesmos autores, embaralham as cartas marcadas dos velhos conteúdo da Educação Física. Elas desafiam a lógica do movimento “certinho” e trazem no lugar disso uma abordagem mais aberta e cooperativa. É nesse vai-e-vem de cordas e trapézios metafóricos que o corpo se vê, enfim, livre para dialogar com a emoção, a ludicidade e quem diria com a arte (Yonamine; Rossi, 2024).

Já Toledo e Zanotto (2021), em artigo publicado na EFDeportes, dão continuidade a esse pensamento ao afirmar que o circo, quando integrado ao cotidiano da escola, não se limita a fazer o aluno suar a camisa. Ele também toca, provoca, inspira. A aula vira palco de descobertas, onde o risco controlado, a improvisação e o desafio ganham status de metodologia. É nesse chão instável, mas fértil, que os alunos aprendem que crescer, muitas vezes, é questão de tentar de novo, mesmo depois de cair.

Silva (2023), por sua vez, traz à cena a importância do jogo e do brincar, mostrando como a ludicidade, quando entrelaçada com elementos circenses, pode transformar a escola num lugar mais humano, mais caloroso e, acima de tudo, mais gostoso de estar. E quem nunca precisou, nem que fosse por um instante, de uma aula que fosse leve, significativa e que fizesse sentido de verdade? Mas nem só de prática vive o picadeiro da escola. Há também o bastidor da formação docente, que merece atenção especial. Miranda e Ayoub (2017) defendem, com propriedade, que incluir o circo na formação inicial dos professores de Educação Física é como colocar novas tintas na paleta pedagógica. Amplia o repertório,



quebra o gelo da mesmice e abre caminhos para propostas mais ousadas, mais sensíveis, mais conectadas com a vida que pulsa X Seminário Nacional do PIBID. Ainda assim, apesar dos avanços, há uma peça faltando nesse quebra-cabeça, a voz dos alunos.

Sim, temos estudos valiosos sobre o olhar dos professores, como o de Menezes (2024), realizado em Parintins-AM, que traz à tona os desafios e os encantos do circo nas escolas da região Norte. Mas, e os alunos? O que pensam? Como sentem? O que descobrem ao vivenciar o circo em seu cotidiano escolar, especialmente nas escolas públicas amazônicas.

É aí que entra o coração desta pesquisa, ouvir quem vive, quem experimenta, quem sente no corpo o que é estar na aula quando o circo chega. Entender como os alunos percebem essas práticas é não apenas avaliar seu impacto pedagógico, mas também reconhecer que cada risada, cada tentativa, cada desequilíbrio faz parte de um processo maior, o de aprender com o corpo, com o outro e consigo mesmo.

Em outras palavras, não se trata apenas de ensinar malabares ou acrobacias, mas de lançar no ar, como quem lança um arco, uma proposta pedagógica que realmente alcance os alunos onde eles estão, com suas histórias, seus limites. Porque, no fundo, quando o ensino encontra o sentido, aí sim o espetáculo da educação começa de verdade

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Percepções Iniciais dos Estudantes

Logo no início, os dados revelaram um cenário expressivo: 95% (62 de 65) dos estudantes afirmaram saber o que é circo, embora apenas 66% (43) já tivessem ido a um espetáculo presencialmente. O gosto declarado pelo circo era de 61% (40), e mais da metade dos alunos (35) nunca havia vivenciado atividades circenses. A ideia predominante era de que o circo se resumia a um espaço de entretenimento, um espetáculo breve que começa e termina sem deixar raízes profundas. Para esses alunos, o circo parecia ser apenas um palco de risos rápidos, sem vínculos com a arte mais densa ou com os fios da cultura que entrelaçam gerações. Havia, portanto, um terreno fértil, ainda não cultivado, para uma visão mais crítica e artística.

Os dados revelaram que, apesar de a maioria dos estudantes afirmar conhecer o circo, grande parte nunca havia assistido a um espetáculo presencial ou participado de atividades circenses. Além disso, a ideia predominante era de que o circo se resumia a um espaço de entretenimento breve, desvinculado da arte ou da cultura. Essa percepção limitada pode ser compreendida à luz das reflexões de Bourdieu (2007), para quem os processos de legitimação

cultural operam de modo a valorizar determinadas formas de arte, geralmente associadas às elites, enquanto desqualificam outras, tidas como inferiores ou populares. Nesse contexto, manifestações como o circo tendem a ser excluídas dos circuitos de prestígio cultural, reforçando preconceitos e estigmas históricos. Abreu (2011) também destaca que o circo foi tradicionalmente visto como uma arte de segunda classe, voltada ao riso fácil e ao entretenimento popular, o que contribui para sua marginalização no campo artístico. Assim, os resultados evidenciam um terreno fértil ainda pouco cultivado, no qual se faz urgente promover uma visão mais crítica, sensível e artística sobre o universo circense.

Transformações Após a Vivência Pedagógica

A vivência pedagógica com atividades circenses no ambiente escolar revelou-se transformadora para muitos estudantes, funcionando como um marco que ampliou suas concepções sobre o circo. Antes visto majoritariamente como sinônimo de diversão, o circo passou a ser percebido por alguns alunos como uma expressão artística carregada de significado cultural. Após a realização do projeto, 49 estudantes ainda associavam o circo à ideia de entretenimento, o que já evidencia sua dimensão lúdica e engajadora, enquanto 12 passaram a compreendê-lo como uma forma de arte importante, reveladora de histórias, tradições e elementos identitários. Essa ampliação na percepção discente mostra que o contato com a prática pode romper estigmas e abrir caminhos para uma abordagem mais sensível e reflexiva dentro do currículo escolar.

Além disso, 45 alunos relataram ter aprendido algo novo durante as aulas, mencionando técnicas como mágica, acrobacias, malabarismo e mímica, práticas que exigem não apenas domínio motor, mas também criatividade, persistência e cooperação. Esses dados reforçam o potencial educativo do circo ao articular corpo, linguagem e cultura de forma integrada. Como destacam Takamori et al. (2010), “a cultura circense une histórica e geograficamente um povo e, dentro desta perspectiva, facilita o processo de ensino e aprendizagem pela reflexão sobre a identidade social de um grupo”. Ao aproximar os estudantes desse universo, a escola não apenas diversifica suas estratégias didáticas, mas também fortalece a relação entre educação e cultura, promovendo uma formação mais ampla, crítica e significativa.

Interesse e Envolvimento com a Temática

Os dados também evidenciaram um aumento significativo no interesse dos estudantes pelas atividades circenses após a experiência pedagógica. Do total, 35 alunos relataram ter se

interessado mais pelo tema após as vivências propostas, enquanto 16 já demonstravam curiosidade prévia, e apenas 11 ^{não expressaram} entusiasmo adicional. Esses números sugerem que o contato direto com o universo circense despertou uma relação mais próxima e significativa com esse conteúdo, permitindo que os alunos ressignificassem sua percepção inicial de mera diversão para algo mais complexo, artístico e inspirador.

Considerando a pluralidade do circo, que abriga elementos diversos como malabarismo, comicidade, metáforas visuais e expressão poética, é natural que os estudantes se conectem de maneiras distintas com as propostas apresentadas. Mesmo entre aqueles que, a princípio, não demonstraram encantamento explícito, é possível que a vivência tenha plantado sementes que poderão florescer posteriormente, seja no aspecto motor, emocional ou cultural. Essa variedade de respostas reforça o potencial das práticas circenses como recurso pedagógico inclusivo e sensível às diferentes formas de aprender e se expressar.

Além disso, os resultados dialogam com a ideia de que, para promover um desenvolvimento verdadeiramente integral da criança, é necessário rever a forma como compreendemos o corpo no processo educativo. Em vez de tratá-lo apenas como um instrumento a serviço da mente ou da aprendizagem cognitiva, é fundamental reconhecê-lo em sua totalidade, como parte essencial do ser humano. Isso implica superar visões dicotômicas e hierárquicas entre corpo e mente, adotando uma perspectiva que valorize a corporeidade como dimensão existencial da experiência humana (Yonamine; Rossi, 2024). A prática circense, nesse sentido, mostra-se especialmente potente, pois integra movimento, emoção, expressão e criação artística em uma vivência educativa ampla e significativa.

Manifestações Circenses Mais Apreciadas

As manifestações circenses que mais despertaram interesse entre os estudantes foram a mágica (35 menções), as palhaçadas (30), as acrobacias (27), a mímica (21), seguidas pelo malabarismo (15) e o equilíbrismo (13). Essa diversidade evidencia a amplitude do universo circense e sua capacidade de mobilizar diferentes sensibilidades, mesmo entre aqueles que nunca haviam assistido a um espetáculo ao vivo.

Embora o malabarismo não tenha sido a modalidade mais citada, merece destaque por suas características pedagógicas. Conforme argumentam Ontanón, Duprat e Bortoleto (2012), o malabarismo, entendido como um conjunto de práticas de manipulação de objetos, é especialmente popular entre crianças e jovens devido ao baixo risco e à possibilidade de construção artesanal dos objetos clássicos (bolas, claves, aros). Essas qualidades favorecem o engajamento dos estudantes e ampliam a experiência educativa para além do aspecto motor,

incluindo dimensões estéticas, afetivas e culturais. Os termos “diversão” (15 menções), “mágica” (13) e “palhaço” (10) reforçam o encanto despertado pelas práticas circenses e sua potência pedagógica.

Implicações para a Prática Pedagógica

Os resultados evidenciam que o projeto extrapolou os limites do lúdico, consolidando-se como uma experiência de aprendizagem integral. A inserção das práticas circenses no cotidiano escolar favoreceu o desenvolvimento de competências motoras, expressivas e sociais, além de estimular a criatividade, a sensibilidade estética e o trabalho colaborativo. Mais do que “brincar de circo”, a proposta envolveu refletir sobre o circo, senti-lo e compreendê-lo em suas múltiplas dimensões, abrindo espaço para a expressão da corporeidade de forma significativa. Como afirmam Rodrigues et al. (2020), “é necessário ressaltar a importância de propostas escolares que tratem das múltiplas perspectivas circenses”.

Sob essa perspectiva, o corpo passa a ser compreendido como eixo central da experiência educativa. Conforme destacam Yonamine e Rossi (2024), é preciso romper com a visão dicotômica e hierarquizada entre corpo e mente, ressignificando o corpo não apenas como instrumento, mas como expressão plena da existência humana. A escola, portanto, constitui-se como terreno fértil para o desenvolvimento global do ser humano, desde que promova um processo contínuo de apropriação da cultura que contemple todas as suas dimensões: afetiva, social, cognitiva, ética, estética e motora. As práticas circenses, ao mobilizarem fantasia, jogo, desafio e cooperação, criam um espaço-tempo singular em que a corporeidade se expressa de maneira ampliada e potente. Nesse contexto, atividades como as acrobacias em grupo, duplas, trios, quartetos ou formações maiores, ensinam sobre responsabilidade mútua, confiança, respeito e senso de coletividade, além de promoverem o desenvolvimento de qualidades físicas como força, flexibilidade e agilidade.

Mesmo diante de limitações estruturais, afinal, nenhuma escola dispõe de picadeiro ou trapézio reais, o projeto foi capaz de provocar olhares, suscitar inquietações e reencantar o processo de aprendizagem, ressignificando a Educação Física como um campo vivo, dinâmico e culturalmente conectado. Ao incorporar as práticas circenses, o ambiente escolar se transforma em um espaço onde múltiplas linguagens corporais ganham voz, e onde o corpo, em sua complexidade e potência, torna-se mediador ativo da formação humana.

Desafios da Experiência



A execução do projeto evidenciou desafios estruturais significativos, sobretudo pela ausência de espaços apropriados e pela falta de materiais específicos para a prática das atividades circenses. A infraestrutura limitada da escola demandou adaptações criativas, utilizando ambientes alternativos como auditório, ludoteca e áreas externas, o que reforça a importância da flexibilidade para viabilizar propostas pedagógicas em contextos com recursos restritos.

De forma semelhante, Takamori et al. (2010) também enfrentaram dificuldades relacionadas à falta de materiais para as atividades circenses. Para superar essa limitação, adotaram uma estratégia pedagógica eficiente: os alunos foram organizados em grupos que se alternavam entre executar as atividades e observar seus colegas, fornecendo feedback quando necessário. Além disso, os estudantes mais habilidosos auxiliavam aqueles com maiores dificuldades, promovendo a cooperação e o protagonismo mesmo diante das adversidades materiais.

Do ponto de vista metodológico, a aplicação de um único questionário com perguntas abertas e fechadas possibilitou a coleta de dados relevantes, mas restringiu a profundidade das respostas. A incorporação de entrevistas semiestruturadas e registros sistemáticos das aulas ampliaria a compreensão do comportamento, da interação social e do envolvimento dos alunos, enriquecendo a análise do impacto pedagógico das práticas circenses, mesmo diante das limitações estruturais e materiais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades circenses vêm se consolidando como práticas pedagógicas potentes no ambiente escolar, rompendo com a ideia de que pertencem apenas ao universo do entretenimento. Este estudo evidenciou que, ao serem inseridas na Educação Física, essas práticas despertam nos alunos novas formas de expressão, favorecendo a integração entre aspectos motores, cognitivos, afetivos e culturais.

Os resultados mostraram uma mudança significativa na forma como os estudantes passaram a compreender o circo. Antes do projeto, predominava uma visão restrita, limitada ao espetáculo passageiro e ao riso imediato. Após as vivências, o circo foi reconhecido como linguagem artística e manifestação cultural, carregada de significados e valores que dialogam com a realidade amazônica. Além disso, houve um aumento no interesse e no envolvimento dos alunos, com destaque para o encantamento gerado pelo lúdico como ferramenta de aprendizagem.





De forma geral, a experiência com o projeto “Circo na Escola” reforça o potencial pedagógico dessas práticas, não apenas como conteúdo da Educação Física, mas como elementos que contribuem para a formação integral dos estudantes. O circo mostrou-se um espaço de criação, imaginação e aprendizado coletivo, tornando as aulas mais atrativas e conectadas ao universo cultural dos alunos.

No entanto, algumas limitações foram observadas, como o uso de instrumentos de coleta restritos a questionários e a ausência de registros sistemáticos das aulas. Recomenda-se que futuras pesquisas explorem metodologias mais amplas, como entrevistas, rodas de conversa e observações estruturadas, para captar percepções subjetivas e aprofundar a análise. Também seria relevante comparar o impacto do circo com outras linguagens artísticas no contexto escolar, bem como avaliar os efeitos a longo prazo na autoestima, criatividade e trabalho em equipe.

O circo, quando levado à escola, não se limita à lona, figurinos ou números, mas se torna um instrumento de transformação, capaz de gerar experiências significativas e fortalecer a identidade cultural. Este estudo não fecha a discussão, mas abre caminhos para novas reflexões, pesquisas e práticas, na expectativa de que mais projetos circenses possam integrar os currículos escolares, especialmente em contextos amazônicos.

REFERÊNCIAS

ABREU, L. A. de. A cena em movimento: o circo no Brasil contemporâneo. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BOURDIEU, P. A distinção: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp, 2007.

CARDANI, L. T. Compartilhando práticas pedagógicas do circo na escola. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

CRESWELL, J. W.; CLARK, V. L. P. Design de pesquisa: abordagens qualitativa, quantitativa e mista. 4. ed. Porto Alegre: Penso, 2015.

DUPRAT, R. M.; GALLARDO, J. S. P. Artes circenses no âmbito escolar. Ijuí: Unijuí, 2010.

MENEZES, L. F. C. A percepção dos professores de Educação Física de Parintins sobre as atividades circenses. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Universidade Federal do Amazonas, Parintins. Disponível em: <http://riu.ufam.edu.br/handle/prefix/8502>. Acesso em: 06 jul. 2025.

MIRANDA, R. C. F.; AYOUB, E. Por entre as brechas dos muros da universidade: o circo como componente curricular na formação inicial em Educação Física. *Revista Portuguesa de*

Educação, v. 30, n. 2, p. 59-87, 2017. Disponível em:
<https://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/11867> Acesso em: 25 jul. 2025.

ONTAÑÓN, T. B.; DUPRAT, R. M.; BORTOLETO, M. A. C. Educação Física e atividades circenses: “O estado da arte”. *Movimento*, n. 2, p. 149-168, 2012.

RODRIGUES, G. S.; BORTOLETO, M. A. C.; LOPES, D. C. Circo na escola: educação e arte na Educação Básica. *Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, v. 1, n. 46, abr. 2023. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/23247/15455>. Acesso em: 25 jul. 2025.

RODRIGUES, G. S.; MELO, C. C.; MAZZEU, T. R.; BORTOLETO, M. A. C. Atividades circenses na Educação Física escolar: análise sistemática da produção bibliográfica (2016-2020). *Caderno de Educação Física e Esporte*, v. 19, n. 3, p. 1-7, set./dez. 2021. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/27491>. Acesso em: 25 jul. 2025.

SANTOS, C. C. G.; DOURADO, M. C. Atividades circenses: ações pedagógicas na licenciatura e no bacharel. São Paulo: Marlogio Studio; CREF4/SP, 2019.

SILVA, L. C. da et al. A arte circense na escola: a ludicidade e o brincar no ensino fundamental I. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/39922>. Acesso em: 07 jul. 2025.

TAKAMORI, F. S. et al. Abrindo as portas para as atividades circenses na Educação Física escolar: um relato de experiência. *Pensar a Prática*, v. 13, n. 1, 2010.

TOLEDO, A. M.; ZANOTTO, L. Uma análise das atividades circenses como conteúdo da Educação Física: aportes teóricos e práticos. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, v. 25, n. 268, 2020.

YONAMINE, M. H.; ROSSI, F. Atividades circenses na escola: o que dizem os estudos acadêmicos? *Criar Educação*, Criciúma, v. 13, n. 1, jan./jun. 2024. PPGE – UNESC. ISSN 2317-2452. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/criaredu/article/view/6247/6872>. Acesso em: 25 jul. 2025.